

Artur Mendonça

COMUNICAÇÕES LIVRES

Sebastião José da Costa: uma figura esquecida na cultura algarvia

A) A biografia

- 1- A carreira militar na Armada
- 2- A vida política
- 3- O lutador contra a ditadura

B) O labor cultural

- 1- Anais do Clube Militar Naval
- 2- Correio do Sul
- 3- Seara Nova
- 4- Alma Nova
- 5- Ideia Republicana
- 6- Correio Olhanense

C) O pensamento

- 1- As inovações militares
- 2- A questão agrícola
- 3- As crónicas literárias
- 4- O Algarve

D) O Bibliófilo

- 1 – A doação de livros ao Museu Marítimo de Faro
 - 1.1 – o total
 - 1.2 – os temas dominantes
 - 1.3 – os autores mais representativos
 - 1.4 – os autores algarvios

Sebastião José da Costa: uma figura esquecida da cultura algarvia

por

Artur Ângelo Barracosa Mendonça



Abel Manta, *O Grupo do Consultório*, 1955¹

(Sebastião José da Costa é o terceiro em pé a contar da direita)

A) A biografia

Sebastião José da Costa nasceu na freguesia da Sé (Faro), em 2 de Junho de 1883. Era filho de José Sebastião da Costa, sapateiro, natural de Santa Maria de Lagos e de Maria da Saúde Costa, doméstica, natural da freguesia de S. Pedro (Faro)². Faleceu em Lisboa, no Hospital da Marinha, em 2 de Julho de 1966, realizando-se o seu funeral para

¹ No quadro aqui reproduzido foram representados (da esquerda para a direita): sentados, Aquilino Ribeiro, Ramada Curto, Carlos Olavo, Pulido Valente, Alberto Candeias; em pé, Vasco Ribeiro dos Santos, Mário de Alenquer, Fernando Lopes Graça, Manuel Mendes, Sebastião da Costa, Câmara Reys e Abel Manta. Cf. *Dicionário Biográfico Universal de Autores*, vol. 5, Dir. Valentino Bompiani, Realizações Artis, Lisboa, s.d., p. 4000.

² Arquivo da Universidade de Coimbra (AUC), *Caixa de Certidões de Idade*, cx. LXXV, fl. 190.

o cemitério do Alto de S. João. Mas quem foi esta personalidade? Quais as razões para hoje se falar sobre ela? Que contributos deixou para a cultura em Portugal?

De forma simples, e sem ordem determinada, poderíamos dizer que foi um militar, republicano, escritor, jornalista, anti-fascista e bibliófilo.

1) A carreira militar

A carreira militar foi iniciada em 2 de Outubro de 1902, quando se alistou na marinha. No final desse mês ascendia a aspirante (29/10/1902), alcançando o posto de guarda-marinha em 21 de Setembro de 1906, foi depois promovido a 2º tenente em 19 de Março de 1909 e a 1º tenente em 24 de Agosto de 1917. Em 9 de Setembro de 1926 ascende ao posto de capitão-tenente, atingindo a situação de reforma em 2 de Junho de 1953³. A sua carreira militar foi também consagrada com variadas condecorações onde se destacam a de Oficial da Ordem de Avis, a medalha de prata militar, da classe de comportamento exemplar, a medalha da Vitória, medalha de prata do Ultramar, de campanha e diversas medalhas comemorativas das campanhas do exército português.

Matriculou-se na Universidade de Coimbra, em 4 de Outubro de 1900, na Faculdade de Matemática, onde realizou os exames do primeiro ano⁴. No ano seguinte, já como aluno voluntário, realizou os exames de Geometria Descritiva e de Desenho, que constituíam o curso preparatório para as armas de Cavalaria e de Infantaria na Escola do Exército⁵. Frequentou a cadeira de Direito Internacional Marítimo e História Marítima no ano lectivo de 1903/1904, na Escola Naval, no entanto não foi possível apurar as classificações obtidas⁶. Neste contexto conhece uma figura que se vai afirmar como um dos intelectuais portugueses mais prestigiados do século XX, António Sérgio, que vai mais tarde voltar a encontrar na revista *Seara Nova*.

³ *Lista da Armada. Referida a 31 de Dezembro de 1954*, Ministério da Marinha – Superintendência dos Serviços da Armada, Lisboa, 1954, p. 198.

⁴ AUC, *Livro de Exames de Matemática (1897/1898)*, livro 25, fl. 36.

⁵ AUC, *Livro de Exames de Matemática (1900/1901)*, livro 26, fl. 92 verso e *Livro de Exames de Desenho. Curso Matemático (1899)*, livro 27, fl. 7 verso e 58 verso. Durante este curso preparatório conheceu e contactou com outras personalidades relevantes da ciência e da política portuguesas como Sidónio Pais, Rocha Peixoto, Luciano Pereira da Silva e Francisco da Costa Lobo, que foram seus professores.

⁶ *Anuário da Escola Naval e da Escola Auxiliar de Marinha (1915-1916)*, Imprensa Nacional, Lisboa, 1916, p. 185.

Em Novembro de 1906 fez parte da tripulação da canhoneira *D. Luís*, como guardamarinha, sendo assinalada a sua presença a bordo⁷. No ano seguinte, encontramo-lo a bordo do cruzador *D. Carlos I*, sendo um dos oficiais que faziam parte da guarnição do navio que recebeu a bandeira nacional bordada pela Rainha D. Amélia⁸ em Outubro de 1907.

Em finais de 1907 e início de 1908, participou nas operações militares desenvolvidas na Guiné, onde obteve louvores por parte do Governador-geral daquela antiga colónia portuguesa⁹. Segundo os dados oficiais, o jovem militar participou nesta campanha militar durante 84 dias, participando também nas campanhas de Quinará e Varela¹⁰. Encontram-se referências à sua acção na obra de António Marques Esparteiro, *Três Séculos no Mar (1640-1910)*, vol. 27 e 28, onde se assinala a sua presença e as condecorações que recebeu pela participação na campanha da Guiné¹¹.

Desde bastante jovem alinhou politicamente ao lado dos republicanos (1905¹²). Quando se deu a implantação da República, Sebastião da Costa estava no Extremo Oriente, a bordo do cruzador *Rainha D. Amélia*, com a patente de 2º tenente. Este afastamento tinha já a ver com a sua actividade política, porque eram conhecidos os seus sentimentos republicanos e o ardor com que os propagandava entre os oficiais da Armada, sendo um dos responsáveis pela rede de aliciamentos que existia neste ramo das forças armadas. Curioso é, porém, o facto de o seu nome não ser mencionado no relatório de Machado Santos, nem no depoimento de António Maria da Silva, nem na

⁷ António Marques Esparteiro, *Três Séculos No Mar (1640-1910)*, vol. 28, col. Estudos, Ministério da Marinha, Lisboa, 1974, p. 10.

⁸ António Marques Esparteiro, *Três Séculos No Mar (1640-1910)*, vol 29, col. Estudos, Ministério da Marinha, Lisboa, 1974, p. 201.

⁹ “Rectificação”, *Boletim Oficial do Governo da Província da Guiné Portuguesa*, nº 4, 25-01-1908, Imprensa Nacional, Bolama, 1908, p. 24. Fazia a rectificação ao nº 3, onde o Governador-Geral, João Augusto de Oliveira Muzanty, por portaria, louvava a força de operações no rio Geba pelo “inexcedível brio, dedicação e boa vontade”, de todos os oficiais e praças constantes na relação, embora Sebastião da Costa fosse omitido a situação foi regularizada no número seguinte do referido boletim

¹⁰ *Suplemento nº 7 do Boletim Oficial do Governo da Província da Guiné Portuguesa*, nº 7, 10-07-1908, Imprensa Nacional, Bolama, 1908, p. 2. Na sequência das escaramuças que aconteceram na Guiné em 1907/1908, o Governador-Geral acima referido conferiu distinções a todos os militares que participaram activamente na repressão da revolta.

¹¹ António Marques Esparteiro, *Três Séculos No Mar (1640-1910)*, vol. 27, col. Estudos, Ministério da Marinha, Lisboa, 1974, p. 78.

¹² António Henrique de Oliveira Marques, *A Literatura Clandestina em Portugal (1926-1932)*, vol. II, Fragmentos, Lisboa, 1990, p. 236

obra de João Augusto de Fontes Pereira de Mello¹³ que aborda sobretudo a questão da comissão militar revolucionária.

Quando das invasões monárquicas no Norte do País, deu provas de dedicação, zelo e arrojo, o que lhe conferiu um louvor por parte do ministro da Marinha em Fevereiro de 1912¹⁴. O republicano já nesta altura lutava pela consolidação do regime que defendia, enfrentando as tropas de Paiva Couceiro. Em Maio deste mesmo ano foi nomeado instrutor auxiliar da Escola de Alunos Marinheiros do Sul¹⁵, criada em Faro, por iniciativa de José Bento Ferreira de Almeida.

Durante a 1ª Guerra Mundial fez parte da guarnição do contra-torpedeiro *Guadiana*, onde participou em numerosos comboios para Inglaterra, França e outras regiões. Participou em serviços em zonas patrulhadas por submarinos inimigos e infestadas de minas.

Prestou serviço em numerosos navios, foi também instrutor na Escola de Alunos Marinheiros do Sul, capitão do porto de Olhão, director do posto radiotelegráfico de Faro inaugurado em Abril de 1917¹⁶, da primeira estação radiogoniométrica de Sagres e no Departamento Marítimo do Sul.

Em 1917 surge também integrando o núcleo fundador da *Liga de Acção Nacional* que propunha um programa de transformação da vida nacional tendo por base “uma tentativa séria de ressurgimento” e “para evitar uma catástrofe irremediável da sociedade portuguesa”¹⁷. Este movimento agregava personalidades de diversas áreas, desde a economia aos intelectuais, reunidos em torno da revista *Pela Grei*, dirigida por António Sérgio, na cidade do Porto, que subsistiu entre 1918 e 1919.

Comandou a canhoneira *Cuanza*, em 1921, mostrando-se muito activo no serviço de fiscalização da actividade pesqueira na região sul do País, realizando numerosas apreensões por transgressão dos regulamentos de pesca. Neste ano, fundou e dirigiu um jornal quinzenário intitulado *União Militar* que se publicou em Tavira, entre os meses de Janeiro e Abril.

¹³ João Augusto Fontes Pereira de Mello, *A Revolução de 4 de Outubro (Subsídios para a sua História)*. A Comissão Militar Revolucionária, Guimarães & Cª Editores, Lisboa, 1912.

¹⁴ *Ordem da Armada*, nº 3, 1912, Série B, Imprensa Nacional, Lisboa, 1912, p. 82. O titular do cargo da Marinha neste período era Celestino Germano Pais de Almeida.

¹⁵ *Idem*, nº 10, Maio de 1912, Série B, Imprensa Nacional, Lisboa, 1912, p. 258.

¹⁶ Moura da Fonseca, *As Comunicações Navais e a T. S. F. na Armada. Subsídios para a sua história (1900-1985)*, Edições Culturais da Marinha, Lisboa, 1988, p. 171.

¹⁷ Rogério Fernandes (pref. e notas), *Cartas de António Sérgio a Álvaro Pinto (1911-1919)*, Ed. Revista Ocidente, Lisboa, 1972, p. 61 a 63.

Em Novembro de 1922 parte para Macau onde foi exercer o cargo de chefe de gabinete do Dr. Rodrigo Rodrigues¹⁸, quando este foi governador de Macau entre 1923 e 1925. Nessa altura, convive com Camilo Pessanha e outras personalidades da cultura portuguesa e estrangeira em Macau, até Vicente Blasco Ibañez (escritor espanhol) lhe faz um elogio referindo-se a um “notável escritor português”¹⁹ na sua obra *A Volta ao Mundo*. Enquanto permaneceu naquele território português do Extremo Oriente ocupou as funções de Chefe da Repartição do Governador de Macau, pertenceu ao Conselho Legislativo do território, foi secretário-geral do Governo Interino, pertenceu ao Conselho de Finanças, ao Conselho Inspector de Instrução Pública²⁰. No âmbito das suas funções mostrou sempre “zelo, competência e lealdade”, conforme consta do louvor que recebeu a 30 de Janeiro de 1925, quando foi exonerado por ter terminado a comissão de serviço e “não desejar continuar na colónia”²¹, tendo abandonado Macau em 1 de Fevereiro para regressar a Portugal.

2) O combatente da Ditadura

A sua actividade política contra a ditadura foi iniciada com a participação no movimento revolucionário de Fevereiro de 1927. Sebastião da Costa foi um dos membros do comité revolucionário em Faro e considerado o chefe dos militares sublevados²². Devido a esta iniciativa esteve preso na Quinta da Torre, em Cacela. Foi afastado do serviço activo por força do decreto 13 137, de 28 de Maio de 1927.

Acompanhamos os relatos dos acontecimentos em vários jornais diários nacionais e verificamos que Sebastião José da Costa é referido em todos eles.

Na sequência deste movimento foi preso e deportado para S. Tomé e Príncipe juntamente com os principais militares implicados na revolta de 1927 como o almirante

¹⁸ Rodrigo José Rodrigues, nasceu em Cabeceiras de Basto, em 1879 e faleceu em Oliveira de Azeméis em 19 de Janeiro de 1963. Estudou na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, onde concluiu o curso (1902). Foi reitor do Liceu de Goa e professor na Escola Médica local. Após a implantação da República foi Governador-Civil de Aveiro (1911) e Porto (1911), foi deputado pelo Porto (1913). Foi Ministro do Interior entre 1913 e 1914. Foi eleito deputado por Lisboa (1915, 1921, 1922). Foi Governador de Macau entre 1922 e 1924 e secretário da delegação portuguesa à Sociedade das Nações entre 1925 e 1926/27. Afastado das funções políticas pela Ditadura Militar, reformou-se como capitão-médico.

¹⁹ Vicente Blasco Ibañez, *A Volta ao Mundo*, vol. II, Livraria Peninsular Editora, Lisboa, 1944, p. 197.

²⁰ *Anuário de Macau (1924)*, coord. Governo da Província, Escola de Artes e Ofícios, Macau, 1924, p. 391, 392 e 394. O anuário do ano seguinte só faz referência a Sebastião da Costa como Chefe de Repartição do Governador da região.

²¹ *Ordem à Força Armada da Guarnição da Província de Macau*, Macau, n° 3, 31-01-1925, p. 59.

²² Libertário Viegas, *Histórias à Solta nas Ruas de Faro*, AJEA Edições, Faro, 2004, p. 141-142.

Câmara Leme, o coronel Freiria e o major Tamagnini Barbosa²³. Em Outubro de 1928 publica-se legislação que permite a reintegração dos militares demitidos por terem participado nas revoltas de 1927 e 1928, desde que tivessem prestado dois anos de serviço no Ultramar²⁴.

Participou depois de forma activa na preparação e na revolta do Funchal em 1931²⁵, fazendo mesmo parte da Junta Central da Revolta. Para Luís Farinha, os principais responsáveis pelo desencadear do movimento de 4 de Abril foram, para além dos tenentes do contingente de 9 de Fevereiro, “os capitães Carlos Vilhena e Frazão Sardinha e o comandante Sebastião da Costa”²⁶. Nesta ocasião, o militar ganhou algum relevo porque assumiu posições públicas acerca de assuntos de carácter político, tanto no plano local como nacional²⁷. Através de uma carta publicada na obra atrás referida, o combatente da ditadura mostrava muito optimismo perante os acontecimentos que estavam a ser preparados. Afirmava ele, em carta dirigida ao coronel Fernando Freiria, datada de 4 de Março de 1931, “somos de opinião que o movimento, que temos a certeza absoluta de ser vitorioso na Madeira e nos Açores, romperá de vez o equilíbrio e a inércia de muitos e permitirá aos revolucionários no Continente dar o seu golpe no mesmo dia e à mesma hora, ou, se assim não for possível, logo que o Governo faça sair de Lisboa as forças necessárias para nos bater”²⁸.

Na opinião do militar republicano, as principais causas para a revolta da Madeira eram: “o espírito de indignação da população madeirense contra alguns recentes decretos e determinações da Ditadura (...); e o conhecimento das infâmias da Ditadura que a maioria dos oficiais do destacamento para aqui enviado tiveram em frente dos factos” criaram as condições para o desencadear do movimento revolucionário que “ou se aproveita agora ou nunca mais”²⁹.

²³ Luís Farinha, *O Revirvalho. Revoltas Republicanas contra a Ditadura e o Estado Novo (1926-1940)*, Editorial Estampa, Lisboa, 1998, p. 62.

²⁴ Luís Farinha, *idem*, p. 109.

²⁵ Joaquim Veríssimo Serrão, *História de Portugal. Do 28 de Maio ao Estado Novo (1926-1935)*, Editorial Verbo, Lisboa, 1997, p. 203 nota 758. Constituíam a Junta Governativa da Madeira, chefiada por Adalberto Gastão de Sousa Dias os seguintes oficiais: coronéis Fernando Freiria e José Mendes dos Reis, majores Filipe de Sousa e Carlos Bragança Parreira, capitães Carlos Vilhena e Augusto Casimiro, 1º tenente Sebastião Costa, tenente Manuel Ferreira Camões e alferes Armando Hasse Ferreira.

²⁶ Luís Farinha, *idem*, p. 147.

²⁷ João Soares (Recolha e Organização), *A Revolta da Madeira, Açores e Guiné 4 de Maio a 2 de Maio de 1931. Documentos*, Perspectivas e Realidades, Lisboa, 1979.

²⁸ *Idem, ibidem*, p. 305.

²⁹ *Idem, ibidem*.

Para isto contribuiu o apelo dirigido pelos signatários do manifesto intitulado “Povo Português, Marinha, e Exército Portugueses”³⁰ que devia ser difundido por via radiofónica. Segundo o Veríssimo Serrão, o 1º tenente Sebastião José da Costa, foi incumbido duma missão fundamental: foi enviado como delegado da Junta para obter o reconhecimento por parte da Inglaterra e da Espanha e, por outro lado, tentar obter um barco e armas de guerra³¹. A documentação reunida em livro por João Soares refere que, no dia 8 de Abril de 1931, ele foi o enviado da Junta Revolucionária a bordo do navio de guerra inglês «London» para apresentar cumprimentos juntamente com o cônsul inglês; no dia 13, parte no vapor «Guiné» juntamente com o engenheiro Melo Borges; no dia 19 de Abril, parte novamente a bordo do vapor «Guiné» sob o seu comando, dirigindo-se ao continente para tentar encontrar apoio para o movimento revolucionário; no dia 20, o seu nome surge indicado como representante de Portugal no estrangeiro no jornal francês *Temps*; nesse mesmo dia publica no periódico francês *Le Journal*, um comunicado por ele assinado; no dia seguinte o embaixador de Portugal em Paris inicia um conjunto de diligências contra a presença de Sebastião da Costa em França.

Porém, devido ao fracasso deste evento, foi obrigado a exilar-se, sendo demitido da armada por envolvimento nos acontecimentos revoltosos da Madeira e dos Açores no dia 14 de Maio de 1931³². Refugiando-se em França após o malogro dos acontecimentos na Madeira, o militar, em carta dirigida Bernardino Machado fazia a análise das causas da derrota e questionava-se sobre quem teriam sido os responsáveis pela desobediência às ordens de Ribeiro de Carvalho³³. Começava aqui um período bastante complicado da sua vida pessoal, porque algum tempo depois foi preso e julgado no Tribunal Militar de Santa Clara, sendo seu defensor nesta ocasião o brigadeiro Tamagnini Barbosa.

No final dos anos 30, um outro autor algarvio pouco conhecido, António Neves Anacleto, na obra *Traços de Uma Luta* referia-se a várias figuras em destaque no combate pela República onde colocava no mesmo plano desde Afonso Costa, Bernardino Machado, José Domingos dos Santos, Cunha Leal e Sebastião da Costa³⁴. Procurava

³⁰ Idem, *ibidem*.

³¹ Joaquim Veríssimo Serrão, *idem*, p. 204.

³² Joaquim Veríssimo Serrão, *idem*, p. 211.

³³ Luís Farinha, *idem*, p. 166 nota 127.

³⁴ Neves Anacleto, *Traços de Uma Luta*, Tipografia de «O Jornal», Lourenço Marques, 1939, p. 53-54. A oposição à Ditadura era homenageada por este autor quando afirmava publicamente “esta República, que é o nosso ideal e pela qual nos batemos, é a República de Afonso Costa, de Bernardino Machado, de Cunha Leal, de José Domingos dos Santos, de António Sérgio, de Jaime Cortesão, de Norton de Matos, de Marques Guedes, de Ribeiro de Carvalho, de Sermento de Beires, de Utra Machado,

salientar-se aqui o papel que estes oposicionistas desempenharam ao enfrentar a Ditadura e as consequências que isso teve para muitos deles como foi a prisão ou o exílio.

A actividade política e conspiratória terá continuado ao longo dos anos, mas de forma cuidadosa para evitar mais problemas com o aparelho repressivo do Estado Novo. Em 18 de Agosto de 1943, segundo relatório da PVDE citado por Joaquim Vieira Rodrigues, Sebastião da Costa encontrava-se em Faro e escutava através da rádio as notícias difundidas em língua francesa, o que torna este acontecimento interessante é o facto de o aparelho “estar no máximo volume” o que permitia “ser também ouvido pelas numerosas pessoas que se encontravam sentadas na esplanada” (do café Aliança)³⁵. A atitude de afrontar mais ou menos abertamente continuava, o espírito lutador do republicano mantinha-se intacto e procurava partilhar com outros opositores ao regime as notícias da guerra que abalava a Europa e que podia trazer mudanças políticas a Portugal. Este facto trouxe-lhe novos dissabores, porque foi compelido a baixar o volume do rádio e “elucidado ao que se expunha, em caso de reincidência, com a agravante de cometer o crime de desobediência”³⁶. A sua actividade como antifascista já era bastante conhecida e, por isso, qualquer facto suspeito significava mais sanções para Sebastião da Costa. A sua presença em Faro seria pontual, porque a sua vida decorria normalmente em Lisboa, onde desenvolveu bastantes contactos com os oposicionistas.

Encontramo-lo ligado ao MUNAF (Movimento de Unidade Nacional Antifascista), surgido nos anos 40, onde pontificavam figuras como Norton de Matos e Mendes Cabeçadas³⁷. Terão sido eles a conspirar no caso da tentativa frustrada de 10 de Abril de 1947, mas novamente sem quaisquer resultados.

Em 1951 foi reintegrado na armada, quando era Ministro da Marinha o almirante Américo Tomás. Segundo informa a *Ordem da Armada* nº 15 de 18 de Agosto de 1951 e de acordo com o decreto lei nº 38267 de 26 de Maio, da Presidência de Conselho de Ministros, foram reintegrados antigos funcionários civis e militares, entre eles Sebastião José da Costa. Na mesma altura foram reintegrados o capitão-de-mar-e-guerra Manuel Peixoto Martins Mendes Norton, Filemon da Silveira Duarte de Almeida, Francisco de

de Jaime de Moraes, de Prestes Salgueiro, de Sebastião da Costa, de Agatão Lança e de tantos outros, cujos nomes nos é impossível mencionar por falta de espaço; é a República da Renovação Democrática”.

³⁵ Joaquim Manuel Vieira Rodrigues, “Guerra, Propaganda e Espionagem no Algarve, 1939-1945”, <http://sapp.telepac.pt/joaquimrodrigues/guerrapropagandaespionagemalgarve.html>, p. 5

³⁶ Idem, *ibidem*.

³⁷ Fernando Rosas, “O Estado Novo (1926-1974)”, *História de Portugal*, vol. 7, Dir. José Mattoso, Círculo de Leitores, Lisboa, 1994, p. 386.

Aragão e Melo, Jaime Alberto de Castro Morais, Júlio Jardim de Vilhena e Armando Pereira de Castro Agatão Lança³⁸. Em 1 de Julho desse ano foi colocado na situação de reserva e mais tarde nomeado para fazer parte da Comissão de Domínio Público Marítimo, na qual se manteve até à reforma, quando fez 70 anos em 2 de Junho de 1953.

Durante os anos 50 integra com várias outras figuras o denominado “Grupo do Consultório” que se reunia no consultório do Dr. Pulido Valente, onde pontificavam também Aquilino Ribeiro, Manuel Mendes e o próprio Abel Manta que se encarregou de immortalizar este grupo numa tela intitulada “A Leitura” ou “O Grupo do Consultório” (1955) que se encontra no Museu da Cidade em Lisboa.

B) O labor jornalístico e cultural

Sebastião José da Costa sendo um homem dedicado às questões culturais deixou essa faceta bem marcada, colaborando em diversas publicações e jornais. Segundo foi possível apurar colaborou entre outras: nos *Anais do Clube Militar Naval*, de Lisboa; na revista *Alma Académica*, número único, publicado em Faro por ocasião do aniversário de João de Deus, em Março de 1922; na *Alma Nova*, dirigida por Mateus Martins Moreno, nos primeiros números. Foi ainda um dos membros fundadores da redacção da revista *Seara Nova*, dirigida inicialmente por Raul Proença; colaborou ainda n’ *A Revista*, dirigida por José Pacheco, em Lisboa, entre 1929 e 1931. Colaborador regular do *Correio do Sul*, de Faro; esporadicamente colaborou com *A Ideia Republicana*, da mesma cidade, entre 1928 e 1929; *O Nosso Algarve*, publicado na mesma cidade, entre 1925 e 1927; *Vida Algarvia*, entre 1929 e 1930; *Correio Olhanense*, publicado em Olhão entre 1921 e 1933.

Trabalhou ainda alguns anos na agência noticiosa *Reuters*, dedicou-se a estudos sobre orientalismo e budismo. Estes interesses terão sido adquiridos aquando da sua passagem por Macau, onde conviveu com Camilo Pessanha, escrevendo artigos sobre a saudade enquanto sentimento e vocábulo tão utilizado pelos portugueses, pondo assim em questão, de forma elucidativa, um dos mitos construídos pelo nacionalismo literário português.

³⁸ *Ordem da Armada*, nº 15, 15-08-1951, p. 391-394. Segundo esta fonte foram solicitados 1985 processos de reintegração, somente 577 tinham sido deferidos, 1137 foram indeferidos e 271 estavam pendentes.

Na fase final da sua vida consagrou grande parte do seu tempo e dinheiro na aquisição de livros. Possuidor de uma vasta e rica biblioteca entrega parte da mesma para o Museu Marítimo de Faro. Nos últimos anos de vida teria deixado de escrever ou de publicar o que escrevia, pois não se encontram vestígios de textos da sua autoria, nem há indicações disso.

A sua actividade literária inicia-se, segundo cremos, em Novembro de 1916, com a publicação de um artigo sobre a “Escola Naval e a Pedagogia” que teve continuação no número seguinte dos *Anais do Clube Militar Naval* e termina com a publicação de um artigo sobre a saudade no número 1402, da revista *Seara Nova* em Agosto de 1962.

No total localizaram-se 88 artigos publicados em jornais e revistas, mas houve certamente mais, porque não consegui pesquisar o jornal *União Militar*, que se publicou em Tavira em 1921 e onde Sebastião José da Costa foi o redactor principal, segundo afirma José Carlos Vilhena Mesquita na *História da Imprensa do Algarve*, vol. 2. Por outro lado, tenho conhecimento que ele colaborou em várias publicações clandestinas de combate à Ditadura Militar de 1926, que não consegui consultar, conforme refere António Henrique de Oliveira Marques na sua obra *A Literatura Clandestina em Portugal (1926-1932)*³⁹.

Mesmo com estas limitações à partida, penso que é possível fazer uma análise do trabalho produzido por este autor. Acompanhando a sua produção escrita ao longo dos anos, verifica-se que os mais produtivos terão sido 1929, com duas dezenas de artigos publicados, e 1922, quando publica uma dúzia e meia de artigos.

Analisando as temáticas abordadas por este autor verifica-se que existem quatro temas de eleição: os assuntos militares; a cultura em geral; o Algarve e os seus problemas; e a questão política.

Os assuntos de carácter militar estão patentes em artigos publicados nos *Anais do Clube Militar Naval* e em alguns artigos de jornal. A sequência de artigos publicados entre 1916 e 1917, nesta publicação de cariz militar, ao longo de quase meio centena de páginas, indica que o autor tinha reflectido, ponderado e encontrado propostas que julgava interessantes para reestruturar o ensino ministrado na Escola Naval. Este artigo intitulado “A Escola Naval e a Pedagogia. Algumas pedras para o novo alicerce”, que se

³⁹ António Henrique de Oliveira Marques, *A Literatura Clandestina em Portugal (1926-1932)*, vol. II, Fragmentos, Lisboa, 1990. Este autor refere que teriam sido produzidos cerca de 420 textos clandestinos em Portugal entre as datas analisadas.

publica ao longo de vários números e que, aparentemente, ficou inacabado, fornece um esboço para a reforma do ensino na escola da marinha. Esta, na sua opinião, tal como em grande parte das instituições de ensino no País pecava pelo excesso de teoria. Tal situação decorria do facto dos professores pouco se preocuparem com o saber prático/experimental o que causava dificuldades aos alunos. Estes acabavam por não perceber “uns lentes muito inteligentes que faziam da matemática, da física e da química ciências de escamotear números e letras de giz branco, num quadro preto, com uma esponja amarela”⁴⁰. Na opinião deste autor, quase todas as instituições de ensino em Portugal deviam acompanhar a ciência moderna, que era “por toda a parte essencialmente experimental e profissional”, mesmo nas aulas práticas os métodos de ensino “eram mais de exposição do que de execução”⁴¹.

Este publicista, no texto supra referido, colocava as referências bibliográficas mais importantes e citava autores portugueses como António Sérgio, ou estrangeiros como William James, Montaigne, Emerson ou Carlyle. Porém, no seu percurso, já tinha realizado outras leituras que o influenciavam, como afirmava no texto publicado em 1917, nos mencionados *Anais* mas que tinha sido escrito em 1908. Nesse artigo intitulado “Os Submarinos e a Defesa Nacional” mencionava autores como o Padre António Vieira e Alexandre Herculano, ou escritores como Carlo Goldoni, Manzoni, Giuseppe Giacosa ou Gabriel d’Anunzio⁴².

Podem apontar-se mais três exemplos de artigos ligados à temática militar. O primeiro, publicado ainda em 1918, em número especial dos *Anais* e dedicado a “O Carvalho Araújo”⁴³, prestando homenagem aos marinheiros que faleceram no barco afundado pelos submarinos alemães durante a Iª Guerra Mundial.

Outro texto publicado já na *Seara Nova*, em 1922, intitulado “O Exército Construtor”⁴⁴, mantém grande actualidade, porque contém opiniões e ideias que nos nossos dias continuam a ser debatidas. Afirmava o autor logo no início do artigo: “Pelo

⁴⁰ Sebastião José da Costa, “A Escola Naval e a Pedagogia. Algumas Pedras Para o Novo Alicerce”, *Anais do Clube Militar Naval*, Lisboa, Novembro 1916, Tomo XLVII, nº 11, p. 738.

⁴¹ Idem, *ibidem*, p. 743.

⁴² Sebastião José da Costa, “Os Submarinos e a Defesa Nacional”, *Anais do Clube Militar Naval*, Lisboa, Janeiro 1917, Tomo XLVIII, nº 1, p. 35. Para este estudo de carácter técnico, provavelmente realizado no âmbito do seu percurso militar, para ascender na hierarquia castrense, o autor reconhecia que, entre as diversas leituras que realizou, as que mais o influenciaram foram as francesas.

⁴³ Sebastião José da Costa, “O Carvalho Araújo”, *Anais do Clube Militar Naval*, Lisboa, Nº Especial 1918, Tomo XLVIX, p. 21 a 29.

⁴⁴ *Seara Nova*, Lisboa, 01-10-1922, nº 17, Ano I, p. 75-76.

exame do orçamento geral do Estado verifica-se que um dos mais pesados encargos da nação é o sustento da desmarcada falange de funcionários públicos, civis e militares.” Quantas palavras semelhantes a estas têm sido repetidas nos nossos dias pelos acérrimos defensores do liberalismo económico. O autor, após considerar estas opiniões erradas e injustas, afirmava “que certos moralistas, nem todos com autoridade moral (no comércio, no câmbio, na finança, alguns têm sido ultimamente, entre nós, mais especuladores da minguada produção nacional do que veículo de fomento e troca de riqueza)” que continuaram a fazer carreira no nosso País e encontraram adeptos um pouco por todo o lado. As opiniões do escritor algarvio tentam apontar caminhos para resolver os problemas que Portugal enfrentava e continua a enfrentar e sustentava que era essencial “encontrar uma fórmula justa que permita satisfazer os interesses colectivos da Grei e os próprios funcionários, deve ser – e é com certeza – a maior aspiração de todos.” Impressiona aqui, especialmente, a actualidade das ideias e dos problemas com que o mesmo País se debatia há quase um século e nos nossos dias.

Os textos que abordam a questão cultural são um dos núcleos centrais da sua produção. Encontram-se desde artigos dedicados a personalidades ligadas à cultura nacional e internacional, como artigos de crítica de arte, sobre correntes literárias e artísticas.

As personalidades da cultura nacional a quem dedicou particular atenção foram: Camilo Pessanha⁴⁵, com um artigo que ainda hoje constitui uma referência fundamental nas obras sobre o poeta português do Oriente⁴⁶. Escreveu um texto sobre Joaquim Bensaúde⁴⁷ e outro sobre António José de Almeida⁴⁸. Quanto a autores algarvios, dedica seis artigos ao poeta João de Deus: o primeiro data de 1922, publicado no número único do jornal *Alma Académica*; o seguinte foi publicado em 1929, no semanário *A Ideia Republicana*, de Faro, por ocasião das comemorações de mais um aniversário do nascimento do poeta; em Maio de 1929, publica novo artigo no referido jornal; por fim, o texto mais longo, deveria ser a base de uma palestra que se devia ter realizado, em Faro,

⁴⁵ *Seara Nova*, Lisboa, 29-04-1926, nº 85, Ano V, p. 243-248.

⁴⁶ Veja-se a obra de João Gaspar Simões, *Camilo Pessanha*, col. A Obra e o Homem, Arcádia, Lisboa, 1967, p. 196 ou mais recentemente José Carlos Seabra Pereira, “Do Fim-de Século ao Modernismo” in *História Crítica da Literatura Portuguesa*, coord. Carlos Reis, vol. VII, Editorial Verbo, Lisboa, 1998, p. 141. Cf. também Daniel Pires (org., pref. e notas), *Homenagem a Camilo Pessanha*, Instituto Português do Oriente/Instituto Cultural de Macau, Macau, 1990, p. 37-39 onde se recorda de forma pitoresca os contactos entre o poeta da *Clepsidra* e o militar algarvio.

⁴⁷ *Seara Nova*, Lisboa, 05-11-1921, nº 2, Ano I, p. 59.

⁴⁸ *Vida Algarvia*, Faro, 01-01-1930, Ano I, nº 27, p. 4, col. 1.

por ocasião do lançamento da primeira pedra do Jardim de Infância de João de Deus⁴⁹, que acabou por não se realizar porque eclodiu a revolta de 28 de Maio de 1926.

Encontram-se ainda artigos dedicados a Francisco Fernandes Lopes⁵⁰, a Carlos Porfírio, Carlos Carneiro e José Dias Sancho⁵¹.

As figuras internacionais sobre as quais deixou as suas impressões foram: Hermann de Keyserling⁵² e William Shakespeare⁵³.

Enquanto colaborou com o semanário de Faro, *Correio do Sul*, dedicou particular atenção às realizações culturais que iam acontecendo na cidade, desde as conferências⁵⁴, às críticas teatrais, às exposições de arte⁵⁵ ou às correntes artísticas contemporâneas como o futurismo⁵⁶ e o modernismo⁵⁷.

Em 1929, em artigo publicado n' *A Revista*, dirigida por Rogério Rego e Albino Lapa, assina um artigo intitulado "Palhaços". Texto dedicado a Raul Proença, onde se notam muitas e variadas referências literárias, desde as influências filosóficas de Sócrates e Platão a Bergson, Alexandre Herculano ou Antero de Quental⁵⁸. Partindo de uma perspectiva literária e filosófica, acaba por entrar na crítica política. Este texto é muito marcado pela publicação de um conjunto de 9 artigos de Raul Proença na *Seara Nova*, subordinados ao título "Para um evangelho duma acção idealista no mundo real",

⁴⁹ *Seara Nova*, Lisboa, 11-04-1929, nº 156, Ano VII, p. 184-187.

⁵⁰ *Seara Nova*, Lisboa, 02-04-1931, nº 245, Ano XI, p. 71-72.

⁵¹ *Correio do Sul*, Faro, 27-06-1920, nº 21, Ano I, p. 2, col. 4 e 5; e *Correio do Sul*, Faro, 25-07-1920, Ano I, nº 24, p. 1, col. 4 e 5 e p. 2, col. 1 e 2.

⁵² *Seara Nova*, Lisboa, 13-03-1930, nº 204, Ano IX, p. 182-184. Hermann Keyserling (1880-1946), filósofo alemão que propunha ultrapassar a crise do mundo ocidental com a adesão à cultura oriental. Fundou mesmo uma escola em Darmstadt designada Escola da Sabedoria, onde se preconizava a primazia da intuição sobre a inteligência.

⁵³ *Seara Nova*, Lisboa, 26-10-1946, nº 1000-1007, Ano XXV, p. 187.

⁵⁴ Encontram-se dois artigos narrando os acontecimentos na conferência de D. Rogélio Buendia e Dr. Alfredo de Carvalho. O primeiro artigo publicado em 1921 e o seguinte em 1926, ambos no semanário de Faro, *Correio do Sul*. Cf. Sebastião da Costa, "Conferência de D. Rogélio Buendia", *Correio do Sul*, Faro, 17-04-1921, Ano II, nº 60, p. 4, col. 4 e 5 e p. 2, col. 1. Cf. Idem, "Pela Cultura: De vós outras, poetisas. Conferência pelo sr. Dr. Alfredo de Carvalho", *Correio do Sul*, Faro, 25-02-1926, Ano 7, nº 437, p. 1, col. 3 a 5.

⁵⁵ Curiosamente, o primeiro artigo que este autor escreve no *Correio do Sul* foi dedicado à exposição de Raul Carneiro, Carlos Porfírio e José Dias Sancho realizada em Faro em 1920. Cf. "A Exposição. I", *Correio do Sul*, Faro, 27-06-1920, Ano I nº 21, p. 2, col. 4 e 5. Este artigo continuou, com o título "A Exposição II: Raul Carneiro, Carlos Porfírio e José Dias Sancho", 25-07-1920, Ano I, nº 24, p. 1, col. 4 e 5 e p. 2, col. 1 e 2. Mais tarde publicou um outro artigo dedicado à mesma temática intitulado "Exposição de Arte", *Correio do Sul*, Faro, 24-04-1921, Ano II, nº 61, p. 1, col. 4 e 5.

⁵⁶ Sebastião da Costa, "O Futurismo", *Correio do Sul*, Faro, 08-01-1922, Ano II, nº 96, p. 1, col. 4 e 5 e p. 2, col. 1. Ver ainda "Estética Cidadina", *Correio do Sul*, Faro, 15-01-1922, Ano II, nº 97, p. 1, col. 4 e 5.

⁵⁷ Idem, "Arte Moderna. De uma carta a um amigo", *Correio do Sul*, Faro, 01-08-1926, Ano 7, nº 480, p. 1, col. 5 e 6, p. 2, col. 1.

⁵⁸ Sebastião da Costa, "Palhaços", *A Revista da «Solução Editora»*, Lisboa, nº 5, 1929, p. 59-61

iniciado no nº 115 e prolongando-se até ao nº 192⁵⁹. O artigo do algarvio revela um pouco do seu modo de pensar quando afirma “contra a realidade afirmarei a minha idealidade, porque ela, símbolo transcendente dum mundo que envolve este mundo de contingência e o domina, é o númeno supremo, a verdadeira realidade”⁶⁰. Destaca-se aqui a importância dada por estes autores ao problema do idealismo e como isso era importante na vida das pessoas, porque o seu objectivo ultrapassava a realidade muitas vezes adversa, coarctada e castradora da liberdade que todos os homens deviam poder gozar.

Um aspecto interessante e a tentar descobrir melhor é a epistolografia trocada com algumas das principais figuras da cultura e da política portuguesa. Desde personalidades como Bernardino Machado, Afonso Costa, Raul Proença⁶¹ e António Sérgio encontram-se referências a cartas de Sebastião José da Costa.

Através de Raul Proença, tomamos conhecimento que este algarvio forneceu informações e arranjou contactos com outras personalidades da cultura na região para que fosse redigido o *Guia de Portugal*⁶², entre elas Francisco Fernandes Lopes, Carlos Augusto Lyster Franco e Bernardo de Passos, que funcionaram como revisores do texto sobre a região. Porém, esta obra acabou por suscitar muita polémica no Algarve, envolvendo diversos órgãos noticiosos e muitas opiniões contraditórias durante os meses de Julho, Agosto e Setembro de 1928.

Já no exílio em França, António Sérgio, a 28 de Fevereiro de 1930, em carta dirigida a Joaquim de Carvalho, solicitava que entregasse a obra *Ultimas Conversações*, da

⁵⁹ Daniel Pires (Org.), *Raul Proença. Polémicas*, col. Memória Portuguesa, Pub. Dom Quixote, Lisboa, 1988, p. 72-77.

⁶⁰ Sebastião da Costa, “Palhaços”, *A Revista da «Solução Editora»*, Lisboa, nº 5, 1929, p. 61.

⁶¹ António Reis, *Raul Proença. Biografia de um intelectual político republicano*, 2 vols, col. Temas Portugueses, INCM, Lisboa, 2003. No 2º volume desta obra, o autor refere que encontrou no espólio de Raul Proença, existente na Biblioteca Nacional, 9 cartas trocadas entre ele e Sebastião da Costa. O período de troca de correspondência medeia entre 1922 e 1931.

⁶² Veja-se o artigo de Francisco Fernandes Lopes no jornal *Notícias do Sul*, Vila Real de Santo António, 05-08-1928, publicado por Daniel Pires, *Raul Proença- Polémicas*, col. Memória Portuguesa, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1988, p. 697. O autor do artigo informa: “ainda o meu querido amigo Sebastião da Costa me pediu para eu copiar as duas inscrições que estão na fachada da Igreja Matriz e uma outra de sob o nicho da fachada do Compromisso. E mais estas informações foram endereçadas a Raul Proença”. Ver ainda outras referências p. 703 e 711, onde se confirma que Sebastião da Costa, Lyster Franco e Bernardo de Passos foram responsáveis pela revisão da parte da obra referente ao Algarve.

autoria de Carlos Renouvier, por ele traduzida, a diversas pessoas, entre elas Sebastião da Costa⁶³.

No ano seguinte, António Sérgio recebia uma carta enviada de Madrid, onde se faziam algumas acusações a Sebastião José da Costa. Este seria acusado de não ter querido trazer dinheiro da Madeira, para auxiliar as tentativas de revolta a partir do exterior. Os principais acusadores eram Frazão Sardinha e Carlos Vilhena, que se queixavam da proximidade dele a Afonso Costa, que garantiria ter acesso a fundos para realizar as acções desejadas. Por outro lado, acusavam o militar algarvio de ter abandonado os marinheiros que o tinham acompanhado sem prover pela sua situação, deixando-os na miséria⁶⁴.

Numa missiva dirigida a Raul Proença, datada de 8 de Agosto de 1931, António Sérgio, afirmava que Sebastião da Costa já estava em França após ter participado na malograda revolta da Madeira. Segundo informações por ele transmitidas, houve troca de correspondência com Jaime Cortesão, onde o algarvio se defendia das acusações que lhe estariam a fazer e apresentava como testemunhas dos seus actos o General Sousa Dias e o coronel Freiria que tinham participado na intentona da Madeira. No mês seguinte, António Sérgio avisava Raul Proença que Sebastião da Costa estaria novamente deportado na ilha da Madeira, mas mantinha a esperança e cito “Cá estou, como sempre calmo e esperançado, mais esperançado do que nunca, com a certeza de que passaremos o Natal em nossas casas. Pode transmiti-la aos amigos de Paris que sejam capazes de estar calados e mereçam esta confiança ... Mais uma vez digo que, depois de 15 de Setembro, é dever de todos os militares que estejam por aí ou na Bélgica, regressarem a Portugal para cooperarem no grande dia. Eu lá estarei, se puder”⁶⁵.

Já em Março de 1932, António Sérgio informava Raul Proença que tinha esboçado um conjunto de ideias que seria necessário estudar com todos os exilados políticos, especialmente os que estavam em Paris, entre eles constava Sebastião José da Costa⁶⁶. O

⁶³ Os restantes contemplados eram: Aquilino Ribeiro, Xavier Léon, Constantino dos Santos, Hernâni Cidade, Silva Gaio, le Gentil, Phileás Lebesgue, Vitorino Nemésio, Francesco Nitli e Valery-Larbaud. Cf. Fernando Catroga e Aurélio Veloso, “António Sérgio: cartas do exílio a Joaquim de Carvalho”, *Revista de História das Ideias*, nº 5, vol. 2, Coimbra, 1983, p. 951-1016.

⁶⁴ António Sérgio, *Correspondência para Raul Proença*, Org. e Introd. José Carlos González, Estudo de Fernando Piteira Santos, Publicações D. Quixote, Lisboa, 1987, p. 243. Carta nº 126, com a data de 13 de Julho de 1931.

⁶⁵ António Sérgio, *Correspondência para Raul Proença*, Org. e Introd. José Carlos González, Estudo de Fernando Piteira Santos, Publicações D. Quixote, Lisboa, 1987, p. 190, carta nº 95.

⁶⁶ Idem, *ibidem*, p. 192-193.

grupo de exilados políticos em Paris, especialmente os que se reuniram em torno de Bernardino Machado e António Sérgio, conspiravam de forma activa contra ditadura e procuravam angariar apoios e financiamentos entre os adeptos das mesmas ideias. Porém, lutavam internamente pela afirmação do seu peso pessoal e pelas lideranças que cada um procurava implementar. As questões internas provocavam muitos problemas de organização, devido à falta de unidade e de modelos de acção a seguir. António Sérgio queixava-se especialmente de Jaime de Morais e de Ribeiro de Carvalho que tinham muitas vezes opiniões opostas e que causavam retraimentos em muitas pessoas.

Uma das pessoas que andou envolvida em todo este processo foi a personalidade objecto deste estudo. Conviveu de perto com António Sérgio durante este período do exílio em Paris e interveio activamente entre as várias lideranças dos exilados políticos portugueses. Conspirou contra o regime estabelecido, mas sempre com pouco sucesso.

C) O Bibliófilo

Esta é a faceta que menos consegui aprofundar sobre o publicista algarvio, apesar de ser talvez aquela que me fez sentir mais curiosidade, porque me sinto identificado com ela.

Encontram-se várias referências à sua actividade como bibliófilo, mas são dispersas e com poucos elementos concretos. O prof. Pinheiro e Rosa no artigo “História da Biblioteca Municipal de Faro” publicado nos *Anais do Município de Faro*, refere-se a Sebastião José da Costa como um dos beneméritos da biblioteca, quando em Maio de 1951 a Câmara Municipal de Faro recebe um ofício dando conhecimento que teria “intenção legar” a sua biblioteca pessoal, “de alguns milhares de volumes, em oito línguas (...) começada há pouco mais de 50 anos e que aqui sempre tem estado, fosse um dia vendida em almoeda ou levada para terra diferente”⁶⁷. Através deste documento, ficamos a saber que a sua biblioteca pessoal era constituída por vários milhares de volumes, em diferentes línguas e que começou a ser reunida por volta da viragem do século XIX para o século XX. O bibliófilo preocupava-se ainda que ela se mantivesse no país, preferencialmente no Algarve e fosse disponibilizada para os estudiosos algarvios.

O homem de cultura, que era Sebastião da Costa, lutava com falta de espaço em sua casa para armazenar tudo aquilo que conseguia arranjar, porque “as duas salas que a

⁶⁷ José António Pinheiro e Rosa, “História da Biblioteca Municipal de Faro”, *Anais do Município de Faro*, vol. 1, nº 1, Tipografia União, Faro, 1969, p. 116.

biblioteca ocupa em minha casa se estão tornando insuficientes para conter todos os livros e revistas”⁶⁸. O problema do espaço nas casas é recorrente entre os bibliófilos, porque muitas vezes são confrontados com a realidade pura e dura. Não é possível colocar mais estantes dentro de casa e nas que existem não se consegue encaixar mais nada, recorrem por isso a doações para instituições (Misericórdias, Escolas, Universidades, Arquivos e Museus), mas muitas vezes não conseguem preservar tudo aquilo que foram conseguindo ao longo de vidas inteiras e são forçados a vender património para manter o que lhes interessa (vendas em leilões, alfarrabistas, velharias ou ferros-velhos, como tantas vezes refere Pacheco Pereira no seu blogue *Abrupto*). Por outro lado, este património, que devia ser dado a conhecer, fica escondido dos olhares de todos, esquecido entre múltiplas outras coisas, e, muitas vezes, só com muita sorte não se perde em pouco tempo aquilo que muitas vezes levou vidas inteiras a juntar, por prazer, por vício ou por curiosidade de alguns.

São conhecidos exemplos de situações em que este tipo de património é pura e simplesmente destruído por desconhecimento de quem tem poder. Aconteceu, por exemplo, com a colecção de jornais regionais, que existia no Liceu de Faro e que um reitor, que não conseguiu precisar, decidiu destruir; ou, bibliotecas pessoais, que foram doadas a instituições públicas e que são encontradas junto a contentores do lixo para serem destruídas, ou são colocadas em armazéns onde os ratos e os parasitas se encarregam de as destruir.

Este bibliófilo algarvio já tinha noção que isso poderia acontecer e procurava lutar contra essa situação. Talvez por isso a hesitação entre o momento de anunciar a decisão e o momento em que ela formalmente se concretiza, mas já para outra instituição.

No semanário *Correio do Sul*, encontramos eco da inauguração da biblioteca doada por Sebastião da Costa. De acordo com o semanário farenses “a biblioteca (...), conforme os desejos do doador, recebeu o nome do Infante D. Henrique, é constituída por mais de 3000 volumes sobre literatura, arte e ciência”⁶⁹. Partindo destes elementos, pode concluir-se que o espólio deixado pelo marinheiro algarvio era já significativo para a Biblioteca Municipal de Faro, e segundo Pinheiro e Rosa “decuplicaria o seu valor”⁷⁰, mas por razões

⁶⁸ Idem, *ibidem*.

⁶⁹ Anónimo, “Na Capitania do Porto de Faro ...”, *Correio do Sul*, Faro, 23-06-1955, Ano XXXV, nº 1956, p. 4, col. 1.

⁷⁰ José António Pinheiro e Rosa, “História da Biblioteca Municipal de Faro”, *Anais do Município de Faro*, vol. 1, nº 1, Tipografia União, Faro, 1969, p. 117.

políticas ou pessoais acabou por deixar a sua biblioteca à capitania do porto da cidade de Faro, onde passou vários anos da sua vida. No entanto, enviou ainda para a Biblioteca Municipal mais de uma centena de números de uma revista, o “*Mercure de France*”, que são considerados nos catálogos dos alfarrabistas como bastante raros e valiosos.

A simbologia da escolha do nome não pode ser ignorada. Um homem do mar escolhia para patrono, aquele que tinha engrandecido o nome de Portugal com a realização das Descobertas no século XV: o infante D. Henrique. Figura sempre presente na reconstrução histórica levada a cabo durante o Estado Novo, que procurou transmitir a ideia dos Descobrimentos como epopeia de um povo pequeno que bem conduzido consegue construir um grande império. A história, como afirma Fernando Catroga, “é convocada para legitimar o presente-futuro através de um trabalho assente na reactivação do passado, o que lhe conferia as características de uma reconstrução unilateral e selectiva, porque lida à luz dos interesses do presente”⁷¹. Este tipo de interpretação foi iniciada durante o século XIX, com o culto dos grandes homens, lembremos as comemorações camonianas de 1880 e pombalinas de 1882, bem como as comemorações de 1940 e a “Exposição do Mundo Português”⁷² onde a figura do Infante D. Henrique surgia como um dos ícones mais importantes. Mais, as Comemorações Henriquinas de 1960 eram ainda recentes e a literatura sobre a personalidade eram em número cada vez maior.

Segundo informações que consegui reunir a biblioteca doada mantém-se no mesmo local, embora algo esquecida, pois penso que ainda não foi elaborada a catalogação da mesma. Seria interessante saber as obras que constam na biblioteca? Quais os autores representados? Por que assuntos se interessaria mais? Na sua biblioteca não haverá obras autografadas? A quem pertenceriam?

Para concluir, pode-se dizer que este trabalho, visava dois objectivos muito simples: primeiro, conhecer um pouco melhor a vida de uma personalidade algarvia quase esquecida; segundo, tentar alertar outras pessoas interessadas pela cultura, para o papel que Sebastião José da Costa desempenhou na cultura portuguesa ao contactar com a elite dos intelectuais portugueses da primeira metade do século XX. Tentamos, de forma

⁷¹ Fernando Catroga, *A Militância Laica e a Descristianização da Morte em Portugal. 1865-1911*, vol. II, Coimbra, 1988, p. 891.

⁷² Luís de Oliveira Andrade, *História e Memória. A Restauração de 1640: do Liberalismo às Comemorações Centenárias de 1940*, Col. Minerva História, Minerva Coimbra, Coimbra, 2001.

relativamente resumida acompanhar o seu percurso como militar, jornalista e escritor desde Faro, a Macau ou à Madeira. Não tendo deixado nenhum livro publicado torna-se talvez complicado apurar o conjunto da sua obra, porém, conseguiu-se identificar uma parte significativa da sua produção escrita ao longo de quase uma centena de artigos publicados nas mais diversas publicações. Procurou-se mostrar algumas das linhas do seu pensamento ao longo do tempo, o seu envolvimento na política da oposição ao salazarismo e a participação nas revoltas. Mas, penso que se alcançou um outro objectivo, que é alertar outras pessoas para o estudo da vida desta personalidade que tão esquecida tem ficado, especialmente nos estudos sobre a história local, sobre a cultura algarvia que a Universidade existente tem obrigação de promover, estimular e realizar.

D) Bibliografia activa (publicações periódicas por ordem cronológica):

📖 *Anais do Clube Militar Naval*, Lisboa

1916 - “A Escola Naval e a Pedagogia (A propósito da sua reedificação: algumas pedras para o novo alicerce)”, Nov. 1916, nº 11, tomo XLVII, Tip. Pinheiro, Lisboa, p. 737-747.

- *idem*, Dez. 1916, nº 12, tomo XLVII, Tip. Pinheiro, Lisboa, p. 803-806.

1917 - “Os submarinos e a defesa nacional”, Jan. 1917, nº 1, tomo XLVIII, Tip. Pinheiro, Lisboa, p. 35-50.

- *idem*, Fev. 1917, nº 2, tomo XLVIII, Tip. Pinheiro, Lisboa, p. 153-157.

- “A Escola Naval e a Pedagogia (A propósito da sua reedificação: algumas pedras para o novo alicerce)”, Fev. 1917, nº 2, tomo XLVIII, Tip. Pinheiro, Lisboa, p. 168-179.

- *idem*, Abr. 1917, nº 4, tomo XLVIII, Tip. Pinheiro, Lisboa, p. 325-334.

- *idem*, Jun. 1917, nº 6, tomo XLVIII, Tip. Pinheiro, Lisboa, p. 548-559.

- *idem*, Agos./Set. 1917, nº 8 e 9, tomo XLVIII, Tip. Pinheiro, Lisboa, p. 722-735.

1918 - “O Carvalho Araújo”, Nº Especial 1918, Tomo XLVIX, Tip. Pinheiro, Lisboa, p. 21-29.

☞ *Correio do Sul*, Faro, 1920-1982

1920 - “A Exposição - I”, 27-06-1920, Ano I, nº 21, p. 2, col. 4 e 5.

- “A Exposição II: Raul Carneiro, Carlos Porfírio e José Dias Sancho”, 25-07-1920, Ano I, nº 24, p. 1, col. 4 e 5 e p. 2, col. 1 e 2.

1921 - “Os cavaleiros de Santa Maria do Castelo”, 01-01-1921, Ano I, nº 46, p. 1, col. 4 e 5, p. 2, col. 1.

- “O Congresso Algarvio”, 20-03-1921, Ano II, nº 56, p. 1, col. 1 a 4.

- “Congresso Regional Algarvio”, 10-04-1921, Ano II, nº 59, p. 1, col. 4 e 5 e p. 2, col. 1.

- “Congresso Algarvio”, 17-04-1921, Ano II, nº 60, p. 1, col. 1 a 3.

- “Conferência de D. Rogélio Buendia”, 17-04-1921, Ano II, nº 60, p. 4, col. 4 e 5 e p. 2, col. 1.

- “Exposição de Arte”, 24-04-1921, Ano II, nº 61, p. 1, col. 4 e 5.

- “A Doutrina da Ressurreição”, 19-06-1921, Ano II, nº 67, p. 1, col. 1 a 3.

1922 - “A Organização da Agricultura Algarvia”, 01-01-1922, Ano II, nº 95, p. 2, col. 2 e 3.

- “O Futurismo”, 08-01-1922, Ano II, nº 96, p. 1, col. 4 e 5 e p. 2, col. 1.

- “Estética Cidadina”, 15-01-1922, Ano II, nº 97, p. 1, col. 4 e 5.

- “As necessidades agrícolas da província do Algarve”, 05-02-1922, Ano 3, nº 100, p. 6, col. 1 a 3.

- “Orféon Farense” 05-03-1922, Ano 3, nº 103, p. 1, col. 3 e 4.

- “O Algarve Agrícola”, 23-04-1922, Ano 3, nº 108, p. 1, col. 1 e 2.

- “Ad augusta per augusta”, 30-04-1922, Ano 3, nº 109, p. 1, col. 1 e 2.

- “A Navegação do *Lusitânia*”, 07-05-1922, Ano 3, nº 110, p. 1, col. 1 a 3.

- idem, 14-05-1922, Ano 3, nº 111, p. 1, col. 4 e 5, p. 2, col. 1.

- “Beneficência”, 18-06-1922, Ano 3, nº 116, p. 1, col. 1 a 3.

- “A Viagem Aérea ao Brasil. As interpretações e a explicação do feito”, 25-06-1922, Ano 3, nº 118, p. 2, col. 3 e 4.

1925- “O Concurso das Harmonias. Um concerto que resultou interessante: o folclore musical algarvio - os bailados e os trajes regionais - a iniciativa do sr. Dr. Fernandes Lopes em Olhão - Eduquemos os novos melhor que nos educam”, 8-11-1925, Ano 6, nº 407, p. 1, col. 1 e 2, p. 2, col. 3 e 4.

- “Noite de Teatro: Um concerto no Cine-Teatro Farense”, 20-12-1925, Ano 6, nº 419, p. 1, col. 5 e 6.

1926 - “Neste País de malucos: As Estradas”, 11-02-1926, Ano 7, nº 433, p. 1, col. 3

- “Pela Cultura: De vós outras, poetisas. Conferência pelo sr professor Dr. Alfredo de Carvalho”, 25-02-1926, Ano 7, nº 437, p. 1, col. 3 a 5.

- “O Monumento a João de Deus - Uma carta de Sebastião da Costa”, 29-03-1926, Ano 7, nº 446, p. 1, col. 5 e 6.

- “O Monumento a João de Deus em Faro será um Jardim de Infância”, 11-04-1926, Ano 7, nº 447, p. 1, col. 5 e 6, p. 2, col. 1. (Sequência de artigos de polémica com José Dias Sancho)

- “A Nossa Pesca”, 02-05-1926, Ano 7, nº 455, p. 1, col. 1 e 2.

- “A Nossa Pesca II”, 06-05-1926, Ano 7, nº 456, p. 1, col. 1 a 3.

- “Estrada de Faro a Olhão”, 30-05-1926, Ano 7, nº 463, p. 3, col. 1.

- “Arte Moderna. De uma carta a um amigo”, 01-08-1926, Ano 7, nº 480, p. 1, col. 5 e 6, p. 2, col. 1.

☞ *Seara Nova*, Lisboa, 1921-1931

1921 - “Crítica Literária: O sr. Joaquim Bensaúde e a sua obra”, 05-11-1921, nº 2, Ano I, p. 59.

1922 - “Educação Pacifista”, 15-03-1922, nº 10, Ano I, p. 257-260.

- “A Lição do Lusitânia”, 01-07-1922, nº 15, Ano II, p. 44-45.

- “O Exército construtor”, 01-10-1922, nº 17, Ano II, p. 75-76.

- “A reconciliação Portugal-Espanha”, 05-10-1922, nº 18, Ano II, p. 87-88.

1926- “Neste país de malucos ...”, 06-02-1926, nº 73, Ano V, p. 9.

- “A salvadora Hulha Branca”, 27-02-1926, nº 76, Ano V, p. 70.

- “Cultura portuguesa no estrangeiro”, 13-03-1926, nº 78, Ano V, p. 107.

- “*Ceci Tuera Cela*”, 20-03-1926, nº 79, Ano V, p. 128.

- “Nova Fábula”, 27-03-1926, nº 80, Ano V, p. 147.

- “Camilo Pessanha”, 29-04-1926, nº 85, Ano V, p. 243-248.

- “A Glorificação dos Heróis”, 03-06-1926, nº 90, Ano V, p. 355.

- “Um alvitre”, 17-06-1926, nº 92, Ano V, p. 393.

- “A estradas”, 08-06-1926, nº 94, Ano V, p. 432.

1929 - “Jardim de Infância João de Deus (texto para uma palestra que se devia realizar por ocasião do lançamento da primeira pedra do Jardim de Infância João de Deus em Faro, que a revolução de 28 de Maio tornou impossível realizar)”, 11-04-1929, nº 156, Ano VII, p. 184-187.

1930 - “O Amor e o estudo da Natureza”, 01-01-1930, nº 194, Ano IX, p. 23-28.

- “Hermann de Keyserling”, 13-03-1930, nº 204, Ano IX, p. 182-184.

- “O Porto de Macau”, 10-04-1930, nº 208, Ano IX, p. 251-252.

1931 - “O Meu Cristo - Ao espírito eminentemente filosófico do Dr. F. Fernandes Lopes”, 02-04-1931, nº 245, Ano XI, p. 71-72.

1946 - “O Sentimento da Saudade em Shakespeare”, 26-10-1946, nº 1000-1007, Ano XXV, p. 187.

1962- “Ainda essa palavra saudade ...”, Agosto 1962, nº 1402, Ano XLI, p. 185.

☞ *Alma Académica*, Faro, 1922 (número único)

1922 - “João de Deus e a mocidade escolar”, Março 1922, p. 4.

☞ *Correio Olhanense*, Olhão, 1921-1933

1922 - “As maravilhas da telefonia sem fios”, 12-01-1922, Ano I, nº 7, p. 2, col. 1 a 3.

☞ *Alma Nova*, Faro/Lisboa, 1914-1929

1922 - “A Mulher Portuguesa- I- A Mulher Algarvia”, nº 3, p. 45.

1923 - “Os Pintores do Gharb”, nº 4 a 6, p. 79.

☞ *O Nosso Algarve*, Faro, 1925-1927

1926 - “Aviação”, Janeiro 1926, Ano I, nº 2, p. 4.

☞ *A Ideia Republicana*, Faro, 1928-1929

1929 - “Os Mestres”, 10-02-1929, Ano I, nº 11, p. 1, col. 1 e 2.

-“O Problema”, 17-02-1929, Ano I, nº 12, p. 1, col. 1 e 2.

-idem, 21-02-1929. Ano I, nº 13, , p. 1, col. 2 a 4.

-“O Poeta João de Deus”, 21-03-1929, Ano I, nº 17, p. 1, col. 3 e 4.

-“E depois?...”, 28-03-1929, Ano I, nº 18, p. 1, col. 2 a 4.

-“A Constituição”, 04-04-1929, Ano I, nº 19, p. 1, col. 2 a 4.

- “A República e a Religião” 18-04-1929, Ano I, nº 21, p. 2 a 4.
- “A República e a Religião”, 25-04-1929, Ano I, nº 22, p. 1, col. 2 a 4.
- “A República e a Religião”, 09-05-1929, Ano I, nº 23, p. 1, col. 3 a 5.
- “Edilidades”, 16-05-1929, Ano I, nº 24, p. 1, col. 5.
- “Os palhaços”, *idem*, p. 1, col. 1, col. 2 a 4.
- “O poeta João de Deus”, 24-05-1929, Ano I, nº 25, p. 1, col. 3 e 4.

☞ *A Revista da «Solução Editora», Lisboa, 1929-1931*

- “Palhaços”, nº 5, 1929, Ano I, p. 59-61

☞ *Vida Algarvia, Faro, 1929*

- “Focando realidades: a Casa do Algarve”, 01-09-1929, Ano I, nº 10, p. 1, col. 2 a 4.
- “A Formiga Argentina. Um dos maiores flagelos da lavoura algarvia”, 06-10-1929, Ano I, nº 15, p. 1, col. 2 a 4.
- “Pró-Algarve: O flagelo da formiga”, 13-10-1929, Ano I, nº 16, p. 1, col. 5 e p. 2, col. 1.
- “O flagelo da formiga e a campanha da sua destruição”, 20-10-1929, Ano I, nº 17, p. 1, col. 2 a 4.
- “O que é urgente fazer para a valorização do Algarve”, 27-10-1929, Ano I, nº 18, p. 1, col. 2 a 4.
- “Ainda a Formiga Argentina”, 17-11-1929, Ano I, nº 21, p. 1, col. 2 a 5.
- “Higiene Cidadina”, 24-11-1929, Ano I, nº 22, p. 1, col. 2 a 4.
- 1930 -“O regulamento para a extinção da formiga”, 01-01-1930, Ano I, nº 27, p. 1, col. 1 a 5.
- “O Monumento ao Dr. António José de Almeida”, *idem*, p. 4, col. 1
(Nota: Sebastião José da Costa fez parte da comissão pró-monumento que se organizou no Algarve).
- “O Regulamento para a extinção da Formiga”, 12-01-1930, Ano I, nº 28, p. 1, col. 1 e 2, p. 3, col. 1 e 2.
- idem*, 26-01-1930, Ano I, nº 30, p. 1, col. 4 e 5 e p. 4, col. 4.
- ibidem*, 09-02-1930, Ano I, nº 32, p. 1, col. 1 e 2 e p. 3, col. 2 e 3.

E) Bibliografia Consultada

ANACLETO, Neves, *Traços de Uma Luta*, Tipografia de «O Jornal», Lourenço Marques, 1939.

Anuário da Escola Naval e da Escola Auxiliar de Marinha (1915-1916), Imprensa Nacional, Lisboa, 1916.

Anuário de Macau (1924), coord. Governo da Província, Escola de Artes e Ofícios, Macau, 1924.

Boletim Oficial do Governo da Província da Guiné Portuguesa, Imprensa Nacional, Bolama, 1908.

CATROGA, Fernando e VELOSO, Aurélio, “António Sérgio: cartas do exílio a Joaquim de Carvalho”, *Revista de História das Ideias*, nº 5, vol. 2, Coimbra, 1983.

Dicionário Biográfico Universal de Autores, vol. 5, Dir. Valentino Bompiani, Realizações Artis, Lisboa, s.d.

ESPARTEIRO, António Marques, *Três Séculos No Mar (1640-1910)*, 30 vols., col. Estudos, Ministério da Marinha, Lisboa, 1974.

FARINHA, Luís, *O Revirinho. Revoltas Republicanas contra a Ditadura e o Estado Novo (1926-1940)*, Editorial Estampa, Lisboa, 1998.

FERNANDES, Rogério (pref. e notas), *Cartas de António Sérgio a Álvaro Pinto (1911-1919)*, Ed. Revista Ocidente, Lisboa, 1972.

FONSECA, Moura da, *As Comunicações Navais e a T. S. F. na Armada. Subsídios para a sua história (1900-1985)*, Edições Culturais da Marinha, Lisboa, 1988.

IBAÑEZ, Vicente Blasco, *A Volta ao Mundo*, vol. II, Livraria Peninsular Editora, Lisboa, 1944.

Lista da Armada. Referida a 31 de Dezembro de 1954, Ministério da Marinha - Superintendência dos Serviços da Armada, Lisboa, 1954.

MARQUES, António Henrique de Oliveira, *A Literatura Clandestina em Portugal (1926-1932)*, vol. II, Fragmentos, Lisboa, 1990.

MESQUITA, José Carlos Vilhena, *História da Imprensa do Algarve*, 2 vols, Comissão de Coordenação da Região do Algarve, Faro, 1988-1989.

Ordem à Força Armada da Guarnição da Província de Macau, Macau, nº 3, 31-01-1925.

Ordem da Armada, Série B, Imprensa Nacional, Lisboa, 1912.

PEREIRA, José Carlos Seabra, “Do Fim-de Século ao Modernismo” in *História Crítica da Literatura Portuguesa*, coord. Carlos Reis, vol. VII, Editorial Verbo, Lisboa, 1998.

PIRES, Daniel (org., pref. e notas), *Homenagem a Camilo Pessanha*, Instituto Português do Oriente/Instituto Cultural de Macau, Macau, 1990.

PIRES, Daniel, *Raul Proença- Polémicas*, col. Memória Portuguesa, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1988.

REIS, António, *Raul Proença. Biografia de um intelectual político republicano*, 2 vols, col. Temas Portugueses, INCM, Lisboa, 2003.

RODRIGUES, Joaquim Manuel Vieira, “Guerra, Propaganda e Espionagem no Algarve, 1939-1945”,

<http://sapp.telepac.pt/joaquimrodrigues/guerrapropagandaespionagemalgarve.html>.

ROSAS, Fernando, “O Estado Novo (1926-1974)”, *História de Portugal*, vol. 7, Dir. José Mattoso, Círculo de Leitores, Lisboa, 1994.

SÉRGIO, António, *Correspondência para Raul Proença*, Org. e Introd. José Carlos González, Estudo de Fernando Piteira Santos, Publicações D. Quixote, Lisboa, 1987.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *História de Portugal. Do 28 de Maio ao Estado Novo (1926-1935)*, Editorial Verbo, Lisboa, 1997.

SIMÕES, João Gaspar, *Camilo Pessanha*, col. A Obra e o Homem, Arcádia, Lisboa, 1967.

VIEGAS, Libertário, *Histórias à Solta nas Ruas de Faro*, AJEA Edições, Faro, 2004.